

RESUMO EXPANDIDO DO TEXTO: Limites e alcances de uma aproximação entre psicanálise e educação, KUPFER, M.C.M.

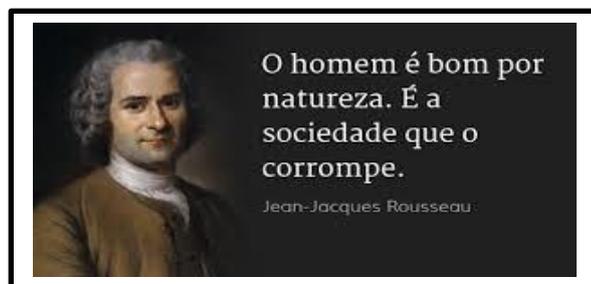
Maria Carmen Euler Torres

1) Introdução:

Freud afirmou a impossibilidade de criarmos uma educação humanista baseada na Psicanálise. Isso porque, segundo ele, nossa condição humana é formada por “nossas piores disposições”. Ou seja, é próprio do ser humano buscarmos a satisfação de nossos desejos sem nos importarmos com aquilo que está a nossa volta. Ao contrário do que disse Rousseau “o homem nasce bom, a sociedade que o corrompe”, para a Psicanálise é como se a nossa essência fosse egoísta e quiséssemos somente atender aos prazeres pessoais.

Em uma linguagem psicanalista, nosso objeto de desejo estaria sempre perdido e nosso fim seria a morte, única certeza da vida. A brevidade da vida e a certeza do fim associada à falta de algo constantemente, é o que impulsiona o sujeito a viver.

Essa suposta educação analítica que teria como papel prevenir as possíveis doenças psicológicas (neuroses) nas crianças, não teria como



Neurose é um quadro psíquico que caracteriza-se por dificuldades de adaptação ao social por parte do indivíduo, embora este seja capaz de trabalhar, estudar, envolver-se emocionalmente e estar

existir, porque a condição humana já traria em si essas neuroses. Por isso caem por terra as esperanças de uma educação pautada na Psicanálise, posto que as neuroses não se evitam, mas são elementos constituidores de nossa humanidade.

Por outro lado, pensamos em qual seria o papel da Educação e do educador uma vez que estamos marcados desde o nascimento nesta condição humana que se pauta em nossas manifestações inconscientes?

Respondendo a essa pergunta, Freud diz que “se o homem busca a felicidade, o universo inteiro se opõe a esse programa (...). Há algo na natureza da sexualidade, em seu interior, que se opõe a sua satisfação plena.” (Freud apud Kupfer, 2000, p.14). Isso significa dizer que a civilização - que inclui a educação familiar e escolar - teria a função de proteger o homem de sua natureza perversa e regular as relações do homem entre si.

Mas, se Freud nunca falou diretamente sobre Educação propondo uma relação direta com a Psicanálise, temos, sobre isso, alguns indícios. Ele apontava em 1899 aquilo que supunha dever ser alvo da Educação, que seria o de regular as vontades, organizar através de regras socialmente construídas, os “desmandos do gozo” (p. 18). Em outras palavras, seria fazer a criança entrar no registro do social, compreender que existem limites aos seus desejos individuais.

PEDAGOGIA E PSICANÁLISE

Do ponto de vista teórico-epistemológico sabemos que a Pedagogia e a

PSICANÁLISE: método terapêutico criado por S. Freud, empregado em casos de neurose e psicose, que consiste fundamentalmente na interpretação, por um psicanalista, dos conteúdos inconscientes.

Psicanálise são disciplinas que se opõem em estrutura. São e forma vãs as tentativas de criar “pedagogias psicanalíticas”. Também, mesclar o cognitivo com o emocional não se refere ao objeto da Psicanálise.

Em nossos dias, ainda é habitual, entre os educadores, o uso de uma concepção teórica segundo a qual uma criança pode ser dividida em duas metades: a cognitiva e a afetiva. Para o estudo da “metade” cognitiva, existem os instrumentos teóricos fornecidos por Piaget e pelo construtivismo. Para o estudo da “metade” afetiva a psicologia e mais recentemente a Psicanálise. Na esteira dessa visão, os problemas de aprendizagem seriam a consequência de um desequilíbrio, de uma alteração em uma dessas duas dimensões ou, então, na relação entre elas. (Kupfer, p. 19).

A Psicanálise não trata de emoções e nem de desenvolvimento afetivo. Não existem afetos inconscientes e sim representações inconscientes que se mostram nos sonhos, atos falhos (esquecimentos) ou outras manifestações inconscientes.

Analisar alguém não é tratar suas emoções, mas cuidar para que se coloquem condições necessárias a que o paciente acesse o conteúdo recalcado. O sofrimento das pessoas são efeitos dessas representações “escondidas” no inconsciente. As emoções são apenas a “ponta do iceberg” dos conteúdos inconscientes.

Diante da tristeza de nosso aluno pobre que apanha de seu pai, um psicanalista não pode fazer muita coisa, já que não possui instrumentos capazes de garantir felicidade para ninguém. Esta tristeza estará, aliás, perfeitamente registrada por esse aluno, não será inconsciente, e suas razões para isso também serão obviamente conhecidas. O psicanalista poderá, porém, caso este aluno queira, incursionar com ele pelos meandros de suas produções discursivas -seus desenhos, falas, seus jogos – para chegarem perto daquilo que seu pai representa pra ele ou daquilo que o aprendizado significa para ele. Poderão ir ainda mais longe, em busca do ponto em que esse aluno fez cruzarem a

sexualidade e a morte e fez desse ponto o seu lugar de sustentação na vida. (idem, p.20).

Quando estudou as mulheres histéricas, Freud descobriu que elas não careciam de neurotransmissores ou sofriam de problemas de ordem real ou neurológica, mas o que as fazia adoecer eram suas recordações, suas representações - de ordem simbólica e não real. Portanto, o Psicanalista não estudava as emoções das mulheres histéricas, mas suas representações. Essas considerações nos levam a crer que o termo **emocional** para designar as dificuldades dos alunos, carrega uma tradição teórico – filosófica que entende as emoções como negativas para o sujeito, como um veneno pra a alma.

Piaget parte da cognição, de como a criança aprende. Já Freud busca os conteúdos inconscientes para construir

suas interpretações. A síntese

Piaget/Freud não é possível porque não é fácil juntar teorias que partem de pressupostos distintos vendo a criança por ângulos diferentes.

Histeria ou **neurose histérica** é uma psicose caracterizada por alterações transitórias da consciência, como períodos de amnésia ou perda de memória, e por várias manifestações sensitivas ou motoras.

JEAN PIAGET(1896-1980)



PSICOLOGIA E PSICANÁLISE

Psicologia e Psicanálise, ao contrário do que se imagina, também não tem o mesmo objeto, tampouco partem dos mesmos princípios.

Para que a Psicologia alcance seu ideal científico, de objetividade seria necessário supor que ela segue uma constância e uma regularidade de fatos. É preciso que haja uma correspondência estável, permanente e conhecida e até mensurável da realidade. Todas as psicologias desejam o ideal de cientificidade e seguem também um ideal de adaptação do sujeito ao meio. A Psicologia cria então um “tipo psicológico ordinário” - que precisa estar adequado e adaptado conforme os ideais sociais postos de antemão, o EU IDEAL.

A Psicanálise, por outro lado, não pode se alinhar às ciências modernas, porque não se pretende entrar nos padrões científicos de objetividade das ciências psicológicas.

A Psicanálise é uma interpretação e não uma ciência de observação. Interpretações não tem objetividade. A psicologia seria uma ciência da observação, que versa sobre os fatos da conduta, já a psicanálise uma ciência que opera com

interpretações, com os sentidos. “Em uma palavra: com a linguagem”. A formação inconsciente não coincide com o eu do sujeito. Portanto ele não responde à lógica ou ao tempo da consciência. “Este sujeito não coincide com o sujeito da filosofia cartesiana tampouco com o sujeito-organismo de Piaget e, de modo algum, com o do comportamentalismo de Watson” (idem, p.28).

Para a Psicanálise o sujeito do inconsciente se constitui na e pela linguagem, sendo, portanto, feito e efeito da linguagem.

Então, definitivamente, Psicologia e Psicanálise não andam bem juntas.

Mas, se a Educação não combina com Psicanálise, tampouco a Psicologia, como pensarmos nestes campos de saber que podem se aproximar ou distanciar em alguns momentos? Em outras palavras, em que sentido a Psicanálise pode auxiliar da Educação?

Kupfer continua sua narrativa apontando para pesquisas que tentam, de diversas formas aproximar a Psicanálise da Educação. Uma delas é pensando em Educação como cultura. Esta articulação diz respeito a uma necessidade de compreendermos que um problema específico de uma criança, por exemplo, pode estar relacionado com um discurso social.

Ou seja, um problema de aprendizagem pode não ser apenas uma formação imaginária singular do sujeito, mas estar articulada com aquilo que acontece na escola, ou seja, nas relações com os professores e outras crianças e também com a significação que a criança tem da aprendizagem. Por essa perspectiva todos se tornam implicados na situação-problema. O educador, por exemplo, pode tentar conduzir sua ação em outra direção entendendo que também é responsável pelo seu aluno e por seu ato educativo e assim, procure encontrar alternativas de ação na própria escola e deixe de fazer tantos encaminhamentos aos psicólogos, que colocam a culpa de tudo na própria criança.

A PSICANÁLISE EXPLICA O QUE É EDUCAR

Diz a Psicanálise que é pela educação que um adulto marca seu filho com as marcas do desejo. O ato educativo é todo o ato de um adulto dirigido a uma criança,

com o intuito de filiar a criança a uma tradição existencial. (ibidem p.35). Ou seja, a educação tem a função de mostrar à criança os códigos sociais, ensinando-a que há um coletivo a ser levado em conta e não só suas manifestações individuais.

A Psicanálise, também, ao olhar para a educação vê outra criança, não mais aquela da modernidade ligada exclusivamente à escola. A criança moderna é aquela que está associada ao escolar que lhe atribui o lugar social, a inserção social que lhe dá significação. O campo social define também o tempo da infância que é justamente o da escolarização obrigatória.

A criança da Psicanálise é uma criança que se constitui pela linguagem que o outro lhe impõe. A palavra dos pais e educadores tem eficácia simbólica. Isso significa dizer que a linguagem não tem só o poder de nomear algo ou de uma comunicação entre os sujeitos, mas de constituir algo, de criá-lo enquanto o nomeia.

Freud nos trouxe a noção de infantil. Ele ampliou os limites do que se considera infantil, pois trata da **criança no adulto** ou seja, a criança permanece no adulto a ponto de fazê-lo adoecer. Tratando-se de um sujeito ampliado ultrapassa os limites da criança escolar. Também colocou na criança algo que era prerrogativa adulta: a sexualidade, o que, até então, não era levado em conta.

Como se isto não bastasse, (...) do ponto de vista da constituição daquele sujeito, sua história começa bem antes, começa com seus avós, e o que passou com eles em sua constituição subjetiva inconsciente, marcará também aquele sujeito que já encontra ao nascer uma trama estendida sob ele.” (Kupfer, p.37)

No entanto, é a criança escolar que os pais trazem para o psicanalista, para que ele enquadre a criança na moldura que ela deve conter. Os pais desejam uma normalização, um enquadramento escolar o que coincide com a escola que se vê pressionada pela sociedade a cumprir seu mandato social e colocar a criança na moldura.

Neste sentido, a Psicanálise acaba por provocar a ampliação da visão moderna de infância permitindo a entrada de um sujeito infantil do desejo no sujeito infantil escolar. Mas o que seria isso? Significa dizer que a criança escolar, ou seja, a que chamamos de aluno, estaria limitada ou circunscrita aos valores ou expectativas da escola. Com essa ampliação que a Psicanálise faz, outros sentidos da infância entrariam na vida desta criança e não só os trazidos pela escola. Por isso que, muitas vezes o que a escola oferece às crianças não é reconhecido por elas como algo que lhe faça sentido. A Psicanálise, por sua vez, amplia as possibilidades de manifestação do infantil dando a

ele chances de expressar seus desejos: desejo por saber, desejo pelo conhecimento. Portanto, a aproximação entre Psicanálise e educação, pode ser vista tanto como forma de limitação das vontades, regulação de manifestações inconscientes em busca de um gozo constante como ampliação de seus desejos.

Em outras palavras, podemos educar levando em conta o sujeito. Educar a serviço do sujeito seria colocar os objetos do mundo a serviço de uma criança-aluno que, ansiosa por aprender e encontrar respostas escolherá aquelas que lhes dizem respeito. A psicanálise é responsável pelo resgate do sujeito, por falar ao sujeito e entendê-lo como desejante.